

# ESTADO DE EXCEÇÃO, ESPAÇO DE CLAUSURA: O FILHO DA MÃE, DE BERNARDO CARVALHO

*Larissa Moreira Fidalgo*

*Orientador: José Luís Jobim*

*Doutoranda*

RESUMO: Este trabalho – fruto das reflexões apresentadas no XV Congresso Internacional ABRALIC – tem como objetivo estabelecer um estudo do romance *O filho da mãe*, do brasileiro Bernardo Carvalho, à luz do conceito de “estado de exceção”, conforme o pensamento do filósofo Giorgio Agamben (2008,2014). Se esse estado de exceção pode ser compreendido como o desdobramento de uma sociedade cosmopolita que enfrenta os riscos residuais dos princípios de progresso da primeira modernidade, tais como medo, insegurança e vulnerabilidade, acreditamos que a teorização sobre as configurações das novas práticas de controle e vigilância dos corpos perigosos estimula possibilidades críticas ainda pouco exploradas no âmbito da crítica literária. Como teoria e prática são indissociáveis, elegemos a poética carvaliana *O filho da mãe* para ser nosso guia neste percurso em torno da promessa de um mundo sem fronteiras e de mobilidade que se revela, na verdade, cada vez mais espaço de clausura. Ora representada pelo desejo de mobilidade e de fuga, ora ilustrada pela transgressão dos códigos moralizantes de uma sociedade opressora, a questão sociopolítica em *O filho da mãe* pode ser lida como resistência à degradação dos modos de convivência e ao controle das paixões e do corpo, que se ampara na esperança de se construir uma utopia de um mundo possível. Construção de um mundo possível ou de uma globalização possível, conforme a pensou Milton Santos (2002), quando apontou, para rejeitar, as práticas da globalização real, nas quais se incluem formas inconcebíveis de fundamentalismos e intolerância, propondo em seu lugar uma globalização humana, entrevista nos sinais positivos emitidos por parte da sociedade hodierna, dentre eles, a possibilidade de incorporação dos sujeitos alijados do mundo da promessa na sociedade globalizada.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura Brasileira Contemporânea, Bernardo Carvalho, Globalização.

Todo trabalho científico começa com inquietações, com perguntas em busca de um caminho a seguir. Por esse motivo, nada melhor do que apresentar alguns temas norteadores de nosso percurso teórico no presente artigo. Um deles seria: que tipo de teoria crítica a literatura brasileira contemporânea demanda? Prosseguindo, em um campo marcado por um constante questionamento acerca das relações entre ética e estética, em que sentido falamos em representações de poder e violência no cenário hodierno?

Em um espaço marcado pelas contradições de um mundo de mobilidade, a existência contemporânea nos apresenta um quadro desenhado em torno da incerteza e da vulnerabilidade, especialmente se pensarmos em questões como a guerra e as identidades cambiantes. Confrontada com as inseguranças produzidas por ela própria, como observou Ulrich Beck (2015), a sociedade política pós-moderna edificou seu modelo de percepção em torno da categoria do risco. Se os novos riscos globais (sociais, simbólicos) são provenientes, portanto, de uma sociedade aparentemente cosmopolita, podemos dizer que as medidas de controle sobre os indivíduos estão situadas, ironicamente, na contramão desse cosmopolitismo. Afinal, se o cosmopolitismo se refere a uma forma particular de lidar com a alteridade, como compreender os mecanismos de exclusão de uma política na qual a pluralidade dos outros é eliminada? E é justamente nessa ambivalência que observamos a emergência de um “estado de exceção”, para lembrarmos esse campo conceitual estudado por Giorgio Agamben (2008). Este “estado de exceção”, que implica uma reflexão mais aguda e detalhada sobre a biopolítica, é uma espécie de espaço vazio onde a “ação humana sem reflexão com o direito está diante de uma norma sem relação com a vida” (AGAMBEN, 2008, p. 131).

Nesse sentido, se o que está em jogo hoje é vida, podemos dizer que o protagonista dessa relação de poder é a “vida nua” (AGAMBEN, 2014), na qual o homem como ser vivente se apresenta como sujeito do poder político. Intimamente relacionado ao conceito de biopolítica, a “vida nua” refere-se aos comportamentos do viver humano que são excluídos da proteção jurídica ao não se submeterem às regras que lhe são impostas. Desse modo, pensar sobre as condições dessa “vida nua” é refletir sobre a experiência de desproteção de quem é submetido a viver em estado de exceção. E é justamente nessa relação do sujeito com o

mundo circundante, como também com a alteridade, que situamos este trabalho. Assim, pensar sobre essa temporalidade histórica significa estar diante de um pensamento que fala de um processo no qual as ações de confinar e excluir estabelecerão novas formas de vigilância dos indivíduos marginalizados.

Entretanto, como observou Foucault (2004), tal dominação exercida pelo poder não é uma condição definitiva. O desafio de habitar o mundo da modernidade passa pelo modo de se compreender as formas com que o sujeito consegue se sustentar nesse paradoxo: entre a mobilidade e a clausura, a possibilidade de transgressão encontra-se inscrita no próprio corpo. Se, por um lado, o corpo nem sempre acata as normas que disciplinam seus impulsos, por outro, o corpo impõe que o sujeito seja compreendido a partir do lugar onde se tornam perceptíveis as condições sociais e políticas de sua época.

E é a justamente nesse cenário que o romance *O filho da mãe* (CARVALHO, 2009) está inserido. Em *O filho da mãe* (CARVALHO, 2009), Bernardo Carvalho ficcionaliza os conflitos provocados pela Segunda Guerra da Tchetchênia<sup>1</sup>. Dentre os vários personagens que povoam a obra, dois jovens protagonistas, ambos vitimados pelo horror da guerra e da opressão, se apaixonam e passam a vagar em São Petersburgo – cidade constituída “segundo a ótica da visibilidade total” (CARVALHO, 2009, p. 132) – na esperança de uma fuga para o exílio. De um lado, Ruslan, caucasiano, rejeitado pela mãe e cujo pai fora morto na guerra, consegue, graças ao amparo da avó, deixar o campo de refugiados da Inguchétia. Viaja, então, para São Petersburgo na tentativa de reencontrar suas raízes, um lugar ao qual pudesse pertencer. Do outro lado, vemos Andrei - filho de um brasileiro exilado político com uma russa - que, pelas circunstâncias familiares, foi obrigado pelo padrasto a servir o exército na antiga capital do Império Russo. No romance, a tensão entre países deixa de ser simplesmente política, sendo espelhada nas próprias relações sociais e nas questões da subalternidade. A representação desses dois jovens homossexuais conduz a poética carvaliana ao campo político da própria condição humana: o corpo subalterno, a quem o princípio da hospitalidade é

---

<sup>1</sup> A Segunda Guerra da Tchetchênia representa a retoma dos confrontos entre os russos e os grupos separatistas da província do Cáucaso. Esse conflito representou o desejo separatista dos tchetchenos em contraste com a ambição do governo russo em manter sob seu domínio esse território que busca a sua independência.

constantemente posto à prova. Afinal, como tchetchenos, não pertencem à Rússia hegemônica; como homossexuais, não fazem parte da comunidade tchetchena.

No quartel, recusando-se a partir para a guerra, pois “era o único filho da sua mãe e, portanto, arrimo da família” (CARVALHO, 2009, p. 98), Andrei é obrigado pelo general, que reforça a hierarquia, a prestar serviços sexuais a fim de arrecadar dinheiro para sustentar tal instituição: “Desde então, nunca mais tive paz. Se tivesse ficado calado, e se resignado à bazófia do capitão, possivelmente não teria sido selecionado para uma missão como esta, forçado a arrecadar verbas para completar o salário dos superiores e sustentar o quartel falido” (CARVALHO, 2009, p. 98). Nesse sentido, o episódio do devaneio de Andrei ao ver-se diante da mesma condição de submissão na qual se encontrava um colega soldado, Kórsakov, traduz bem os mecanismos de controle que, incidindo sob os corpos que devem ser disciplinados, violará os limites da tolerância:

Sua vida daqui para a frente se resumirá a essa humilhação, será organizada por ela, assim como a sua morte [...] Andrei quer dizer a Kórsakov uma coisa que ele mesmo ainda não compreendeu totalmente, embora tenha forte intuição: que sempre haverá alguém pronto para reconhecer e atacar a vulnerabilidade onde quer que ela se manifeste [...] Quer dizer ao soldado (mas não diz, porque ainda não compreendeu inteiramente) que ele só deixará de ser vulnerável quando já não tiver nada a perder. Enquanto tiver alguma coisa, qualquer coisa, eles vão continuar a persegui-lo [...] Só vai ganhar o direito de viver depois de perder tudo, ele pensa calado diante de Kórsakov (CARVALHO, 2009, p. 121).

Definindo, portanto, que escapar do controle de um estado de exceção significa, paradoxalmente, perder a própria liberdade, Andrei estrutura no romance uma compreensão ficcional do que seja a relação entre violência e corpo, entre estado de exceção e biopolítica no cenário político contemporâneo. Assim, tomado por um “sentimento contraditório de justiça, liberdade e tristeza” (CARVALHO, 2009, p. 121), Andrei decide voltar ao lugar onde sofrera um assalto na esperança de recuperar o dinheiro roubado. É interessante notarmos que o desejo de reencontrar o ladrão caracteriza-se, dentro de nossa proposta de análise, como uma possibilidade de fuga, de usar o poder contra o poder. Afinal, se a posse do dinheiro o colocava no grupo daqueles que tinham algo a perder e, por isso, alvo do controle de um instrumento de repressão, ter os bolsos vazios seria a garantia do direito de viver.

O encontro entre Ruslan e Andrei ocorrerá nos becos de São Petersburgo. Ao compartilharem da vulnerabilidade, escondendo-se em escombros, a única possibilidade desses personagens nesse universo de clausura é amar entre as ruínas da guerra, pois “os dois só podem existir no limite da inverossimilhança” (CARVALHO, 2009, p.133). Nesse sentido, vemos que a questão política em *O filho da mãe* está intimamente relacionada ao questionamento acerca das identidades sexuais marginalizadas. No romance, a representação desses indivíduos ex-cêntricos reforça a lei da hospitalidade condicionada. Inseridos em um espaço sob o signo do “poder sobre a vida”, Ruslan e Andrei podem ser considerados “estrangeiros”, para lembramos o famoso seminário pronunciado por Jacques Derrida (2003), a quem o direito de hospitalidade é negado. Dentro dessa realidade história na qual os personagens estão inseridos, o corpo representa, simbolicamente, a única chance de dominação da realidade diante de um sentimento de inexistência:

É possível que não se dê conta de que terminou por associar o sexo às ruínas ao risco, à força de tê-lo descoberto em meio a uma guerra, e de buscá-las, as ruínas, sempre que encontra alguém, por ter sido obrigado a reconhecer nelas o cenário reconfortante do lar onde já não há possibilidade de reconforto. Quando não há mais nada, há ainda o sexo e a guerra. O sexo e a guerra são o que todo homem tem em comum, rico ou pobre, educado ou não. O sexo e a guerra não se adquirem. A ideia de uma vulnerabilidade maior que a sua lhe desperta o amor (CARVALHO, 2009, p.139).

Na narrativa, corpo e espaço refletem a própria constituição da fragmentação do mundo dos personagens. Ao longo dos breves dias em que os dois rapazes vivem sua paixão perigosa, a trama descortina as contradições da globalização de fábula, em que a promessa de um mundo sem fronteiras e de mobilidade revela-se, na verdade, cada vez mais claustrofóbico. Assim, numa relação alegórica de representação do mundo e do sujeito modernos como sendo uma espécie de resultado de um desvio em relação à normalidade, o desfecho desses conflitos não poderia ser outro senão a representação da figura da quimera, como vemos na carta de Ruslan:

um animal que era dois sem ser nenhum. Uma égua dera à luz um potro no qual estavam misturados dois embriões. A isso chamam quimera (...). Era um animal estranho, parecia um potro, mas era outra coisa, dois fundidos em um só, indistintos. Não conseguia ficar em pé. As quimeras são raras e os

pastores nas montanhas as vêem como portadoras de mau agouro, porque põem a reprodução num impasse, fazem da reprodução uma monstruosidade. Por isso, quando esses animais não morrem ao nascer, os próprios camponeses se encarregam de lhes dar um fim [...] As quimeras morrem para que sobreviva o pacto dos que não podem contar nem com Deus nem com os anjos (CARVALHO, 2009, p. 160-1).

Ao representar a monstruosidade, a figura da quimera é de suma importância para nossa leitura. Nesse contexto de guerra, de jogo com as antinomias do estado de exceção, em que observamos o recrudescimento da violência sobre o corpo, o híbrido monstruoso pode ser compreendido como integrante de um processo de alegorização da própria condição do sujeito em que os processos de alteridade e subjetividade não se concretizam. Se na perspectiva de René Girard (1990), a articulação dos diversos fenômenos sociais opera na relação do sagrado com a violência, o sacrifício que envolve a morte do corpo monstruoso da quimera representaria a própria “legitimação” da violência ao transferir para uma vítima arbitrária as tensões que ameaçam o todo social.

Nesse sentido, trazendo à baila a transgressão dos códigos moralizantes de uma sociedade opressora, onde os seres humanos que transgridem os limites se convertem em estranhos (BAUMAN, 1998), a relação entre as ordens social e política em *O filho da mãe* (CARVALHO, 2009) pode ser interpretada como um modo de resistência à corrosão dos modos de convivência, que se ampara na construção de uma globalização possível, conforme a pensou Milton Santos (2002), quando apresentou, para questionar, as práticas da globalização real, nas quais vemos formas inconcebíveis de intolerância, propondo em seu lugar uma globalização humana, ou seja, um aparato compreendido dentro da possibilidade de incorporação dos sujeitos alijados do mundo da promessa. Como observado pela professora e pesquisadora Beatriz Resende (RESENDE, 2008, p. 32), em *O filho da mãe* há enigmas, mas não há explicações, “senão o próprio reconhecimento da tragicidade da condição humana, ambígua, inexplicável e incontrolável”.

Assim, após essa breve apresentação, acreditamos que tais questionamentos sobre as novas práticas de controle sobre os “corpos perigosos” estimulam possibilidades críticas ainda pouco investigadas pela crítica literária acerca das cenas discursivas do romance *O filho da mãe* (CARVALHO, 2009). A abordagem carvaliana nos revela um discurso que investiga não



somente os fatos históricos, *tout court*, mas os modos pelos quais são reveladas relações de poder, ideológicas e identitárias na ficcionalização das guerras contemporâneas, o terrorismo, o exílio, a diáspora etc. – visando principalmente a distender as dicotomias entre pertencimento/ não pertencimento, legítimo e ilegítimo. As investigações sobre as políticas do corpo – que também implicam o estudo das configurações contemporâneas das questões da mobilidade e da clausura – são passagens produtivas abertas pela poética de Carvalho. Corroborando a perspectiva de Oliveira (2014, p. 154), a ficção de Bernardo Carvalho “representa um mundo do menor, do esquecido, seja ele o sujeito subalterno ou o próprio sujeito de voz dominante, mas que em discurso aponta as fragilidades de seu próprio discurso, desmistificando-se”. Desse modo, se a literatura e a crítica andam de mãos dadas, gostaríamos de concluir dizendo que a tarefa da crítica, hoje, talvez seja a de situar o outro dentro de uma relação ética de responsabilidade planetária, dentro de num espaço em que a alteridade é construída com base naquilo que, em sua singularidade, nos é heterogêneo.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*. O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BECK, Ulrich. *A sociedade de risco mundial: em busca da segurança perdida*. Lisboa: Edições 70, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DERRIDA, Jacques. *Da hospitalidade*. São Paulo: Editora Escuta, 2003.
- FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- OLIVEIRA, Paulo César. *Leituras na contemporaneidade: olhares em trânsito*. Pará: Editora Literacidade, 2014.



Anais do VIII Seminário dos Alunos dos Programas  
de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF  
Estudos de Literatura

---

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos*. Expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.